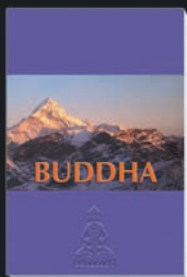


Mestres do Oriente



Conheça a trajetória dos grandes sábios que marcaram época na China, Índia e Irã.

MESTRES DO ORIENTE

Quem foram eles? De que forma, com os recursos de que dispunham naquelas épocas, puderam propagar ensinamentos que permitiram a seus povos alcançar o apogeu de desenvolvimento espiritual e material por tanto tempo?

Perguntas como essas vencem as barreiras do tempo. Alguns poucos registros sugerem que Buddha, Lao-Tse e Zoroaster viveram aproximadamente em 600 a.C. ou em torno desta época.

Hoje eles são procurados como ícones de sabedoria, ícones de um tempo já passado, mas que ainda têm muito a contribuir.

Os textos que seguem são trechos dos títulos Buddha, Lao-Tse e Zoroaster, publicados pela Ordem do Graal na Terra. Os livros tratam destes Mestres do Oriente, suas vidas e o legado que deixaram para a humanidade.

BUDDHA

Este livro mostra a trajetória de vivências e aprendizado de Sidharta, após perder sua condição de príncipe. Peregrinando em meio à sua terra e sua gente, fez descobertas reveladoras.

A maior revelação de sabedoria veio através de seu neto e sucessor, Gáutama-Buddha.

— Por que motivo pretendeis recusar a doutrina da crença em Deus, minha gente? indagou delicadamente. Vede: esse nada nos pode dizer a respeito, uma vez que realmente não temos provas que Deus não existe. A natureza, no entanto, é um livro aberto que nos fala de Sua existência. Tudo quanto vedes em redor dá testemunho Dele.

— Mas, ele nos ensinou que acreditar num deus é escravizar a vida e transformá-la em cárcere. Ora, o que nós desejamos é gozar a nossa.

— Bem pensado, elogiou Gáutama. E sois, mesmo, capazes disso?

Os homens se entreolharam. Em seguida, respondeu o mais velho deles:

— Faça o que fizer, não consigo me livrar de minhas preocupações, de minhas angústias. Com o meu vizinho, aqui, acontece o mesmo.

— Ora, desde que tendes poder sobre toda a Criação, basta ordenar e as preocupações e aborrecimentos desaparecerão imediatamente.

— Senhor, isso pessoa alguma consegue fazer, atalhou o mais moço. Temos de suportar aquilo que nos é imposto.

— E de onde parte essa imposição? De que modo veio essa imposição atingir a vossa vida, aqui na Terra?

— Isso não sabemos dizer. Talvez haja mesmo um deus, que nos atormenta e tortura.

— Não, minha gente, exclamou Gáutama em alta voz, um deus, assim, é que não existe!

— Nesse caso estás simplesmente repetindo o que o outro já disse, atalhou o mais velho, em tom jubiloso. Dize-nos, então, ao menos, como será possível obter uma situação de segurança nessas coisas.

— Não, não existe um deus que se compraza em judiar da humanidade, reafirmou Gáutama. Existe, sim, um Deus bom, piedoso e misericordioso que ajuda os homens. A ninguém Ele sobrecarrega de cargas além daquelas que as próprias pessoas atraem sobre si.

O que dizeis a isto: se um homem, levemente, ateia um incêndio em sua casa, de modo que as chamas crescem e devoram a habitação, quem é o responsável por isso?

— Ninguém mais que ele, comentou o mais moço dos homens.

— E bem feito será se as chamas destruírem tudo, acrescentou o mais velho.

— Portanto, não podereis dizer: um deus que judia dos homens ateou o fogo.

Ambos concordaram que não. Mostrou-lhes, aí, Gáutama, que tudo que acontece aos homens não é senão o resultado daquilo que eles mesmos semearam. Isso, os dois interlocutores entenderam perfeitamente bem.

Nesse instante, Muno, pela primeira vez, tornou a abrir a boca, dizendo num riso sardônico:

— Conseguiste provar, admiravelmente bem, ó sábio, que o homem é quem faz tudo, que não existe mesmo Deus!

De pronto, redarguiu Gáutama:

— E quem, porventura, criou os homens? Criaram-se, acaso, por si mesmos?

Com toda a franqueza, interveio o mais velho dos dois contendores:

— Realmente, muitas vezes tenho perguntado a mim mesmo quem teria feito os montes e os rios, as plantas e os animais.

— Sim, confirmou Gáutama, delicadamente, pensando assim percebeste claramente que deve existir, por força, um ser que está acima de todos nós. Homem algum conseguiria realizar essas obras. Pois bem: a esse ser é que nós chamamos “Deus”. Ora, ao reconhecer quão maravilhosas são as Suas obras, emudecemos, também, de respeito por Ele, e o adoramos.

Proferindo uma imprecisão, Muno ergueu-se:

— Vieste aqui somente para atrapalhar os meus rendimentos, forasteiro! Que temos nós contigo?!

— Seria muito melhor que desses ouvido ao que estamos anunciando, contestou Gáutama, com toda a serenidade.

Num abrir e fechar de olhos, porém, o eremita apanhou uma pedra do chão, arremessando-a contra Gáutama. A pedra partiu e passou de raspão junto à cabeça do mestre.

Os alunos fizeram menção de investir contra Muno, mas uma advertência rápida de Gáutama os impediu de fazê-lo.

— Deixai-o, disse. Nada me poderá fazer de mal. Deus mesmo me defende! comentou Gáutama, em alta voz e de modo bem claro.

Em seguida, voltou-se para ir-se embora, e os dois homens estranhos se juntaram a ele e aos rapazes da

comitiva. Pediram a Gáutama que fosse com eles, a fim de anunciar também aos seus vizinhos a mensagem de Deus.

Ele o fez, prazerosamente.

A situação reinante, por ali, era como se todas as almas a quem Muno conseguira tirar a ideia de Deus, nada tendo que a pudesse substituir, estivessem presas, acorrentadas, gemendo por libertação, e que só agora vinha a intervenção de Gáutama, para romper as correntes escravizadoras.

Das localidades vizinhas acorreram pessoas em quantidade e, assim, Gáutama teve de repartir seus alunos, de modo que fossem pelo país afora até onde houvesse se estendido a influência de Muno.

Isso durou algumas semanas. Um belo dia, Muno se encontrou, de novo, com Gáutama quando este, num lugarejo, anunciava a mensagem de Deus a um grupo de homens.

— Tive o prazer de ouvi-lo, comentou, cinicamente, o eremita.

Gáutama não se dignou dar-lhe uma resposta, mas prosseguiu firme no que ia dizendo. Foi quando Muno o interrompeu, gritando para os ouvintes:

— Não lhe deis crédito! É um impostor à cata de lucros!

Um homem do povo, porém, contestou:

— Não é tal! Tu, sim, exigias de nós pagamento pelas tuas blasfêmias. Tínhamos de te vestir e de te sustentar. Este nada nos pede e nos ensina aquilo que nos torna felizes.

— Deixai-me, apenas, fazer-lhe uma pergunta, insistiu Muno. Se ele for capaz de responder, prometo ir-me embora daqui e não vos procurar mais.

As pessoas acenaram que sim.

— Dize-me, então, ó sábio, o que é a alma?

— A alma, Muno, é aquilo que dia e noite chora dentro de ti, porque tu a deixas faminta, e a maltratas. A alma é a melhor porção do nosso “eu”, que vem do Alto e não descansa enquanto nós não a reconduzimos outra vez para lá. Se não a tratamos assim, chora, então, nossa alma, como chora, agora, a tua, Muno.

O homem cobriu, nesse momento, o rosto com as mãos, e rompeu em amargo pranto. Perplexos, os circunstantes o contemplavam. Gáutama, porém, fez um sinal que o deixassem em paz.

Depois de Muno ter estancado a torrente de lágrimas, Gáutama colocou o braço sobre os ombros dele:

— Pobre homem! Como deves ter sofrido! Como teria padecido tua alma, a ponto de não achares outro caminho, senão o de pretenderes matá-la.

A alma, porém, meu amigo, não se deixa matar. É mais forte que tudo: porque vem de cima. Traz consigo a ideia de Deus, mas essa ideia só nos pode ser transmitida, se dermos ouvido ao que ela nos diz.

Continuou Gáutama conversando com o homem, que seguia, feito criança. Não faltava mais a reunião alguma. Tinha sempre muitas perguntas por fazer. Afinal terminou pedindo:

— Ó sábio, leva-me contigo!

Gáutama, entretanto, explicou ao convertido que a missão dele estava ali mesmo.

— Aqui por onde espalhaste tua falsa doutrina, aqui tens de permanecer, a fim de dares testemunho de Deus! Conseguirás, assim, redimir tua culpa!

LAO-TSE

Conheça a trajetória do grande sábio que marcou uma época especial na China.

Acompanhe a sua peregrinação pelo país na busca de constante aprendizado, a vida nos antigos mosteiros do Tibete e sua consagração como superior dos lamas e guia espiritual de toda a China. O livro também aborda o encontro de Lao-Tse com Confúcio.

— Distante, muito distante daqui, aninhada entre altas montanhas, jaz minha terra natal. Nós a chamamos Tibete, a abençoada. Diferente do que aqui no Reino do Meio, é a vida dos meus conterrâneos. Seu dia-a-dia obedece a severas regras e todos servem ao Sublime, a Quem adoram, sem Dele fazer imagens.

Cada um dos nossos jovens é instruído de maneira que a qualquer hora possa desincumbir-se de um serviço no templo. Consideramos isso o mais nobre ofício de um homem e por isso mesmo somente uns poucos podem exercê-lo.

Anualmente é eleito um pequeno grupo, que é consagrado ao templo. Os demais vão desempenhar alguma profissão ou zelar pelo gado. Um limitado número é destinado às armas, para que não sejamos impotentes e indefesos perante nossos limítrofes. Nós, pessoalmente, não iniciamos guerras, pois vivemos de acordo com as Leis do Eterno.

Os consagrados ao templo prosseguem seus estudos sob a direção de sacerdotes idosos. Possuímos antiquíssimas escrituras ao nosso alcance, das quais colhemos

magníficos ensinamentos. Acontece não raro que um dos idosos Lamas receba mensagem das alturas; assim, o nosso saber evolui continuamente.

Estes, aos quais foi dada a graça de comunicarem-se com as planícies luminosas, são grandemente respeitados pelos demais sacerdotes e Lamas. A eles é permitido portar o capuz amarelo, como sinal de sua ligação com a Luz.

Impetuosamente Li-Erl interrompeu-o:

— E um Lama assim és tu, meu pai? Portas também um capuz amarelo? E como é ele?

— Assim, retrucou calmamente Lie-Tse, tirando do bolso existente na prega da indumentária um pedaço de seda amarela.

Após tê-lo desdobrado, colocou sobre a cabeça o estranho capuz, que alcançava o pescoço, tapando orelhas e nuca. Com essa cobertura era indescritivelmente nobre e venerável o aspecto do ancião.

Em Li-Erl despertou uma vaga suposição, que fora provavelmente uma particular mercê do Sublime, dar a ele o ancião como mestre. Contemplou o sábio com veneração. Este, no entanto, guardou novamente o capuz e deu seguimento à narrativa.

— Bem no alto, entre as montanhas, situa-se meu mosteiro. Antiga tradição foi conservada por nós; dizia ela que somente enquanto permanecêssemos puros, imunes a doutrinas estranhas, duraria nossa ligação com os jardins eternos. A humanidade pouco a pouco iria ao encontro da destruição. Receberiam, porém, sempre o auxílio do Sublime. E se nos conservássemos puros, o auxílio poderia emanar sempre do nosso povo.

Desalentado, Lie-Tse interrompeu a narração e cerrou os olhos. Fatos tristes deveriam estar a desenrolar-se ante sua visão interior, pois ele tornou-se muito pálido. Num esforço violento, porém, afastou de si tais imagens e continuou a narração.

— Apesar de sabermos isso, não houve meio de evitar que ideologias estranhas se apossassem de não poucos dos nossos irmãos. Fortificamos a fronteira do país, impedimos a entrada dos vizinhos e mesmo assim novas filosofias, como que trazidas pelos ares, chegavam a nós.

Em último recurso, os mosteiros fecharam suas portas e cercearam o convívio com os de fora, tentando assim resguardar ainda a pureza antiga. Também o meu era como um burgo resistente, regido por severo regulamento.

Eu engendrava sempre novos métodos para educar a geração jovem, para enviá-la posteriormente aos vacilantes, lá fora. Eles deveriam ser ainda recuperáveis para a doutrina verdadeira. Certa noite, porém, recebi ordem do Sublime: tudo eu deveria abandonar, e seguir rumo a um país longínquo.

— Pudeste falar pessoalmente com o Sublime? indagou Li-Erl.

— Isto pessoa alguma consegue, admoestou Lie-Tse. O Sublime possui incontáveis mensageiros, que envia para transmitir Sua vontade. Também a mim veio um ser luminoso, anunciando que o Sublime, o Indizível, queria fazer despertar, num grande povo ainda em estágio infantil, um Portador da Verdade. Mostrou-me ele a alma que se encontrava ainda no alto, nos jardins do Eterno, à espera da encarnação. E eu pude ver que a alma era pura.

O luminoso comunicou a mim: “Serás na Terra, para aquela alma, mestre e guia. Prepara-te e segue para o país ao qual ela será enviada”.

— Deixei tudo para trás, obedecendo ao chamamento do Sublime. Bastante tempo decorreu, até eu alcançar tua pátria, Li-Erl.

O jovem escutava, comovido. Baixou a cabeça, depois, e murmurou:

— Ó Sublime, que à distância pressinto, eu Te agradeço. Não sou merecedor de Tua bondade; almejo, porém, tornar-me Teu servo.

No transcurso desta palestra com o idoso professor, despertou muita coisa, ainda latente, em Li-Erl. Uma luz clarificante derramara-se sobre ocorrências tidas pelo jovem como inexplicáveis até o momento. Acima de tudo surgiu novamente a interrogação que tanto lhe ocupara o espírito.

Donde a mãe sabia do Sublime, a quem erigira um altar? Por que, precisamente, sua casa paterna era a única em toda a região que recebera um acréscimo à crença dos deuses? Não haviam renegado as deidades antigas, mas, a todas encimando, adoravam a um Novo, Poderoso. Qual seria a explicação?

Enquanto Li-Erl meditava sobre essas perguntas, a resposta impunha-se-lhe, desde logo, espontaneamente:

“Um Portador da Verdade deverás ser!”

Esta palavra, quanto trazia em si! Inimagináveis horizontes descerraram-se ante o jovem espírito, que jubilosamente inclinou-se perante algo que ainda não era capaz de abranger. Portador da Verdade! Servo do Sublime!

Mas quem quisesse transmitir a Verdade, deveria antes obtê-la. Quando aconteceria isso? Careceria de iniciação especial?

Lie-Tse, a quem finalmente perguntou, meneou negativamente a cabeça.

— Tu estás consagrado, Li-Erl. No instante em que o Sublime, nos jardins da Luz, destacou tua alma, convocando-a a Seu serviço, a aura da consagração passou sobre ti. Desde aquele instante és guiado, do Alto, por mãos luminosas. Aqui na Terra fui escolhido para que transmitisse a ti a sabedoria terrena de que necessitas.

O jovem ficou em silêncio após esta resposta. Precisava assimilar primeiro tudo intimamente, antes de perguntar além. Bastante depois, quis saber:

— Por que me conduziste até aqui, à cidade dos templos, onde não me chega aos ouvidos uma única palavra sobre o Sublime? Teria sido melhor se me instruísses em casa, meu pai.

— Em obediência ao mensageiro divino, que me guia em tudo concernente a ti, conduzi-te a este lugar, para que distinguisses, na própria vivência, o falso nas doutrinas dos sacerdotes.

O Portador da Luz precisa conhecer as trevas, convocado que foi para iluminá-las. A partir de amanhã colocar-te-ei em contato direto com os sacerdotes e demais sábios, dos quais muito poderás aprender, se souberes conservar aberta a porta de teu espírito. Nem tudo o que dizem é errado.

Escuta, assimila em ti o que falam, e aprende a discernir. E, sobretudo, não os deixes notar nunca seres tu um convocado.

ZOROASTER

Com o nascimento de Zorotushtra iniciou-se uma nova fase para o povo iraniano. Tornando-se o supremo sacerdote dos iranianos, Zorotushtra auxiliou o soberano da época — Hafis — a conduzir o povo ao saber do Deus-Único, Ahuramazda. Neste livro são narrados de maneira especial suas viagens e os meios empregados para tornar seu saber acessível ao povo.

Ao meio-dia do terceiro dia, avistaram o povoado tão conhecido. Quanta coisa vivenciara ali! Ser-lhe-ia permitido, agora, ver novamente as pessoas que tão ricamente tinham recompensado seus esforços. Só isso já era uma alegria.

Foram até a cabana do chefe, que, admirado, olhou para fora. Quando reconheceu Zoroaster, chamou os vizinhos em voz alta. Todos deveriam vir, pois o Zoroaster tinha voltado.

Dentro de poucos minutos a praça formigava de gente alegremente animada. Jubilosos, todos recebiam o preparador do caminho; cada um queria cumprimentá-lo, agradecer-lhe e contar-lhe o que tinha vivenciado nesse ínterim. Era uma confusão, na qual não era possível entender uma palavra sequer.

Zoroaster saudou a todos, mas seus olhos procuravam Jadasa. Então a voz de Mursa se fez ouvir em seu ouvido:

— Senhor, ali no outro lado!

Sim, ali estava Jadasa, o rosto encantador ruborizado, olhando-o com olhos radiantes. Quando sentiu seu olhar fixo nela, aproximou-se saudando-o. Depois entrou em casa para preparar uma refeição.

Lentamente os homens se acalmaram. Pediram a Zoroaster que lhes falasse à noite, e ele assentiu. Nesse ínterim, deixou que lhe contassem como os habitantes do povoado tinham passado, se não surgira mais nenhuma doença e se também não tinham esquecido aquilo que haviam reconhecido como Verdade.

O velho, cuja expressão havia mudado visivelmente, disse com orgulho:

— Não creio que entre nós um único sequer esquecerá a vivência que nos trouxeste. Transformamo-nos totalmente em outras pessoas, o que notarás hoje à noite. Também fomos poupados pelas doenças. Jadasa nos disse, certo dia, que nossos sofrimentos têm sido a consequência de nossas culpas. O que considerávamos um tormento insuportável, foi, na realidade, a maior graça de Ahuramazda; pois assim, entre nós, muitos acordaram.

O olhar de Zoroaster procurava a moça, que se manteve afastada durante a refeição. Como não a visse, perguntou a seu pai:

— É dado a Jadasa a graça de ter visões? O velho respondeu afirmativamente.

— Desde pequena ela possuía algo de peculiar que se acentuou mais ainda com a sua permanência junto às sacerdotisas. Desde que estiveste aqui e nos transformaste em servos de Ahuramazda, frequentemente ela nos diz coisas que lhe foram reveladas durante a noite. Já lhe perguntei, várias vezes, de que maneira essas verdades se lhe manifestaram mas ela não quer falar. Sabes, por acaso, algo sobre isso? perguntou ingenuamente e com curiosidade.

— Não, isso também não sei, respondeu o preparador do caminho. Isso é diferente com cada pessoa agraciada. O principal também não é o “como”, mas o “que”. Se é Verdade, tudo o mais não deve nos preocupar. Poderia até imaginar, continuou depois de breve reflexão, que tal investigação impediria uma recepção pura das mensagens do alto. Talvez até possas prejudicar Jadasa, quando perguntas de que maneira lhe são dadas as revelações.

— Como pode acontecer isso? quis saber o velho, a quem as palavras de Zoroaster impressionaram.

— Uma vez vos disse, começou o preparador do caminho esclarecendo, que todos os pensamentos humanos adquirem formas. Naturalmente formas invisíveis para os olhos humanos, acrescentou rapidamente, ao ver como os olhos do velho se abriam assustadoramente.

Essas formas dirigem-se àquela coisa que as provocou. Se, pois, cismares sobre a maneira que Jadasa recebe uma revelação, então desse cismar surge um complexo de formas, aglomerando-se logo em volta de Jadasa. Assim, envolves tua filha com um fino manto, que lhe torna mais difícil a recepção das irradiações do alto, podendo torná-la até impossível.

O velho ficou perplexo; depois, disse compreendendo repentinamente:

— Jadasa falava frequentemente: “Não penses tanto em mim, pai, senão não posso ouvir”. Isto, certamente, significa o mesmo que acabas de esclarecer. Só que agora te compreendi, e as palavras de Jadasa me eram incompreensíveis.

Depois o homem perguntou a respeito de Sadi, de quem ele gostava especialmente. Zoroaster contou-lhe como o servo se havia modificado de modo radical. Aí o velho opinou:

— Olha, não tenho o dom de ver as verdades, mas que havia um núcleo excelente em Sadi isto percebi. Deixa-me contar: teu cavalo é algo especialmente distinto. Isso já perceberam todos os homens. Aqui também temos cavalos brancos, que são grandes e fortes. Bem no início, antes que nos ensinasses, um de nós ofereceu a Sadi trocar seu melhor cavalo pelo teu cavalo, Raio. Seguramente, não terias percebido. Sadi, porém, receberia para isso muitas pedras preciosas. Não pensou, porém, um momento sequer; jogou o homem para fora do cercado e este ficou machucado durante vários dias.

Zoroaster respondeu sorrindo:

— Ah! Foi por isso, então, que estiveste mancando, logo no início que nos conhecemos?

O homem acenou afirmativamente, sem o mínimo embaraço. Tratava-se de coisas passadas, das quais não mais se envergonhava. Zoroaster, porém, perguntou:

— Observaste Marzar durante a refeição? Ousarias fazer-lhe idêntica proposta?

Assustado, o chefe negou.

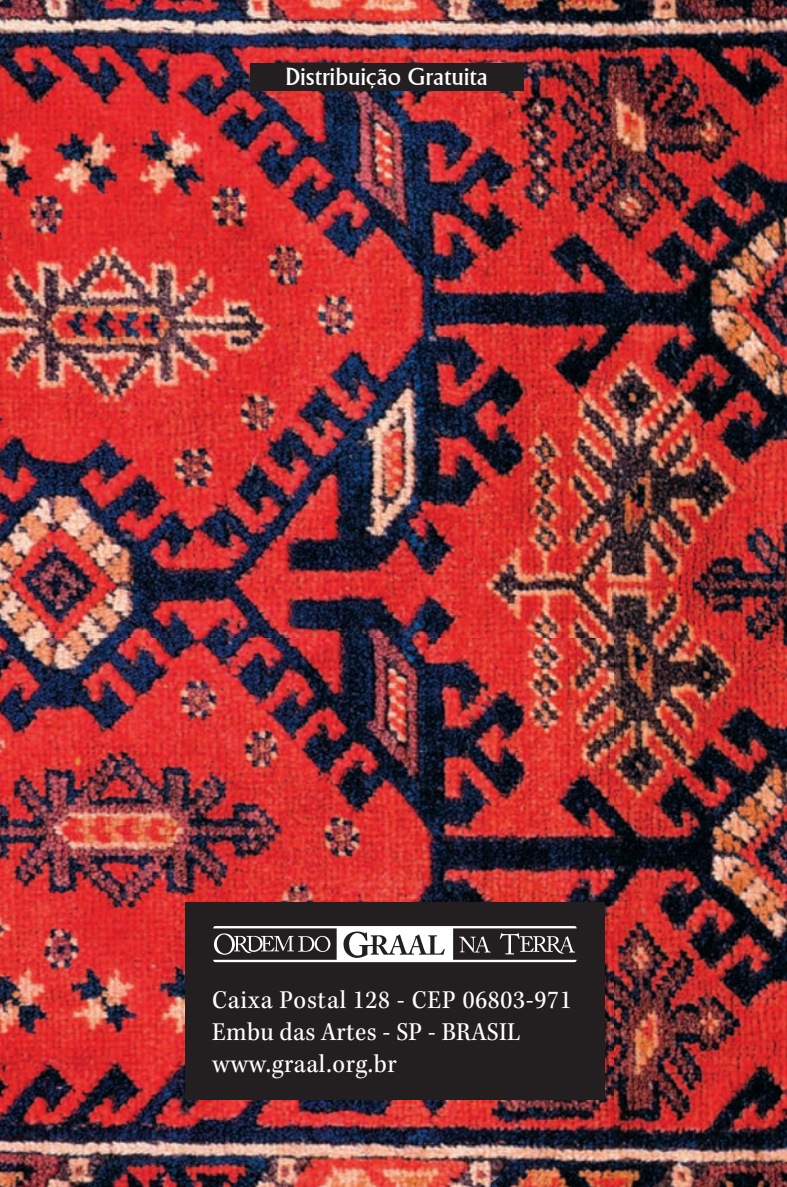
— Não, mesmo que eu ainda fosse como naquela época, não ousaria isso!

— Estás vendo, pois, que Sadi naquele tempo ainda não era um verdadeiro servo do eterno Deus, do contrário não terias a ousadia de ter se dirigido a ele. Mas, agora, ele se transformou.

— É algo maravilhoso o que estás falando, Zoroaster, disse o velho pensativamente. Se pertencemos a Ahuramazda, nenhuma tentação das trevas tem coragem de se aproximar de nós! Isto é tão consolador, como não podes imaginar.

Falaram ainda sobre muita coisa. Daquilo que motivou sua vinda o preparador do caminho não falou palavra alguma. Sabia que a oportunidade certa para isso lhe seria mostrada do alto. Podia esperar; é o que tinha aprendido.

Mas o velho mal podia esperar até poder conduzir seu hóspede para a praça de reuniões. Os homens, com grande alegria, tinham feito modificações, que realmente provaram que haviam se transformado em tudo.



Distribuição Gratuita

ORDEM DO **GRAAL** NA TERRA

Caixa Postal 128 - CEP 06803-971

Embu das Artes - SP - BRASIL

www.graal.org.br